

## **Argumentação e jornalismo: os argumentos em duas colunas de Reinaldo Azevedo<sup>1</sup>**

Felipe Bonow SOARES<sup>2</sup>

Jairo SANGUINÉ<sup>3</sup>

Antônio Luiz Oliveira HEBERLÊ<sup>4</sup>

Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS

### **Resumo**

Este estudo tem como objetivo a análise argumentativa de duas colunas do jornalista Reinaldo Azevedo no jornal Folha de S. Paulo e tem como base teórica os estudos de Chaïm Perelman sobre retórica e argumentação. Para a análise das colunas é utilizada a metodologia de análise de conteúdo adaptada para o objetivo deste estudo, que é a observação dos argumentos. Por isso, as categorias analíticas são os argumentos de ligação descritos por Perelman. A observação dos argumentos se dá de duas maneiras: uma quantitativa, apenas observando quantas vezes cada tipo é utilizado; e a outra mais qualitativa, analisando a força e a importância deles dentro do texto argumentativo. O que se pretende, desta maneira, é compreender como argumenta Reinaldo Azevedo e quais são as regularidades que podem ser observadas.

**Palavras-chave:** argumentação; argumentos de ligação; jornalismo; jornalismo opinativo; Reinaldo Azevedo.

### **Introdução**

O objetivo deste estudo é analisar como argumenta Reinaldo Azevedo em duas de suas colunas semanais no jornal Folha de S. Paulo. Para tal atividade se optou por seguir os estudos da área da retórica e da argumentação. Eles têm origem em 465 a. C. com Córax e Tísias, seu discípulo, ganha popularidade com Górgias e os sofistas e tem o seu auge com o sistema aristotélico. Com o desenvolvimento do Império Romano, passa por um período de decadência, especialmente após o desenvolvimento do método cartesiano. O período de declínio da retórica se encerra em 1958, quando dois autores publicam diferentes obras sobre o tema. Um deles é Chaïm Perelman (1993), que desenvolve o que ficou conhecido como Nova Retórica. Ele tem o tratado aristotélico como base para os seus conceitos,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas - UCPEL, email: [felipebsoares@hotmail.com](mailto:felipebsoares@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas - UCPEL, email: [jairosanguine@gmail.com](mailto:jairosanguine@gmail.com)

<sup>4</sup> Co-orientador do trabalho. Pesquisador da Embrapa, email: [antonio.heberle@bol.com.br](mailto:antonio.heberle@bol.com.br)

adaptando-o, de certo modo, para a realidade contemporânea. Os estudos de Perelman servem como base para esta análise dos argumentos presentes nas colunas de Reinaldo Azevedo.

Os textos escolhidos são dos dias 2 e 9 de maio de 2014 e tem como título, respectivamente “Os vivos e os mortos” e “Fabiane e a maçã envenenada”. Um estudo anteriormente realizado (SOARES, 2014) como forma de uma espécie de pré-teste teve como função balizar a forma de análise deste estudo. Deste modo tem-se como base analítica conceitos da análise de conteúdo (SOUSA, 2006), adaptados para a observação dos argumentos. Portanto, como categorias de análise são utilizados os argumentos de ligação desenvolvidos por Perelman (1993), sendo eles divididos em três grupos e totalizando 12 categorias:

- a) Argumentos quase lógicos:
  - Contradição e incompatibilidade
  - Identidade e definição
  - A regra da justiça e reciprocidade
  - Argumentos de transitividade, de inclusão e de divisão
  - Os pesos e medidas e as probabilidades
- b) Argumentos fundados sobre a estrutura do real
  - As ligações de sucessão
  - As ligações de coexistência
  - A ligação simbólica, as duplas hierarquias, as diferenças de ordem
- c) Argumentos que fundam a estrutura do real
  - O exemplo
  - A ilustração
  - O modelo e o antimodelo
  - Analogia e metáfora

As colunas serão observadas a partir de dois pontos. Em primeiro lugar, analisa-se a coluna como um todo, observando os temas abordados e, especialmente, a tese defendida. A seguir, analisa-se parágrafo por parágrafo, buscando encontrar que tipo de argumento está presente em cada um deles, assim como visualizar onde é apresentada a tese defendida e quais são os argumentos utilizados por Azevedo para defendê-la. Após estes dois pontos, serão destacadas as regularidades observadas nas duas colunas analisadas para, deste modo, tentar compreender os elementos essenciais para a argumentação de Azevedo.

## **Análise das colunas**

### Coluna 1

Título: Os vivos e os mortos

Data: 2 de maio de 2014

Temas abordados: Polícia; Política; Jornalismo

Tese: Na média, a imprensa atua segundo uma ideologia de esquerda

### Parágrafo 1:

Duas mortes recentes demonstraram que, a depender do tema, a imprensa, na média, renuncia aos fatos e se deixa conduzir por uma espécie de ente superior, a ditar o que é “politicamente conveniente”. Eu passei a empregar essa expressão no lugar de “politicamente correto”. Não há nada de incorreto em ser correto. Não dá é para ser covarde ou para sufocar o fato com a ideologia (AZEVEDO, 02/05/2014, p. A9).

A tese argumentativa central da coluna de Reinaldo Azevedo já é apresentada logo no primeiro parágrafo, quando afirma, primeiramente, que, na média, a imprensa renuncia aos fatos e é conduzida pelo que chama de “politicamente conveniente” e depois quando afirma que o jornalismo é covarde e sufoca os fatos baseados em uma ideologia (que sugere, posteriormente, em outros elementos da coluna, ser de esquerda). Como a tese já está presente no primeiro parágrafo, conseqüentemente um dos principais argumentos da coluna está igualmente presente no início do texto. A maneira como Azevedo qualifica a imprensa se apresenta por meio de um argumento de coexistência, ou seja, os jornalistas estão agindo inadequadamente (sendo covardes e mascarando fatos por meio da ideologia de esquerda) e são, portanto, incapazes moralmente de atuar no espaço profissional onde estão inseridos. A relação é visivelmente do jornalista com seus atos.

Ainda há, no primeiro parágrafo do texto, um argumento secundário: o da definição, que retoma ao argumento principal. Quando Azevedo utiliza a expressão “politicamente conveniente” e explica que a emprega no lugar de “politicamente correto”, ele argumenta por meio da definição, explicitando o sentido da primeira e desqualificando a segunda. Deste modo, na frase seguinte, quando afirma que “não há nada de incorreto em ser correto” (AZEVEDO 02/05/2014, p. A9), sugere que a imprensa é incorreta por estar baseando suas notícias não em fatos, mas em ideologia.

Observando-se a partir da estrutura discursiva, o primeiro parágrafo pode ser considerado como proêmio e, ao mesmo tempo, demonstração. Isso se verifica porque no primeiro parágrafo há uma abertura do texto e há também não só uma argumentação inicial, como a apresentação da tese e a colocação de um dos dois argumentos principais da coluna, a relação de coexistência do jornalista (ou da imprensa) com seus atos.

O segundo argumento principal do texto é mais extenso do que o primeiro, pois está presente em todos os parágrafos, com exceção do primeiro e do último. É o argumento pelo exemplo. É possível também considerar como argumentação por meio da ilustração, porém, neste caso, a tese apresentada já deveria ser previamente aceita pelo auditório ou ainda que este aderisse a tese logo no primeiro parágrafo por meio do argumento inicial. Isto é pouco provável, afinal se a tese já fosse aceita, não haveria necessidade de argumentação, portanto parece mais adequado considerar como argumentação pelo exemplo. São dois exemplos que aparecem no decorrer do texto, o primeiro da morte do coronel Paulo Malhães e o segundo da morte do bailarino Douglas Rafael. Azevedo apresenta os dois exemplos como modo de justificar a sua tese de que a imprensa atua não segundo fatos, mas a partir de uma ideologia. Este segundo argumento principal é essencial ao texto, afinal, sem ele não há nenhum tipo de prova da argumentação inicial. Azevedo acusa o jornalismo de ser covarde, de atuar de maneira incorreta, ignorando os fatos e seguindo a ideologia, mas se não apresentar exemplos para estas afirmações, a argumentação encerra em si mesma e pode ficar confinada ao puro “achismo”.

#### Parágrafo 2:

A polícia ainda investiga as condições em que morreu o coronel Paulo Malhães, o homem que confessou ter torturado presos políticos e escondido corpos. Pareceu-me, em determinados momentos, que ele lutava para manter ainda colada ao cérebro a consciência fugidia. Lá estava o olhar de um mitômano sem presente e sem futuro, só com um passado terrível, posto na ribalda. Mas vocês sabem como é... A verdade não tem tempo para certas sutilezas, especialmente quando a história “certa” já foi contada e se buscam apenas personagens exemplares para encarnar os papéis do vilão e do mocinho. Malhães morreu, e alguns mistificadores tonitruaram: “Cuidado com a direita! Ela está de volta! Esmaguemos as suas muitas cabeças antes que sejamos esmagados”. Ou por outra: defenderam um paredão coletivo e preventivo em nome do bem! São as almas pias que tentam confundir, entre outras delicadezas um liberal com um torturador (AZEVEDO, 02/05/2014, p. A9).

O segundo parágrafo, em geral, utiliza de premissas que são, teoricamente, aceitas previamente pelo auditório. Isso fica claro especialmente quando Azevedo (02/05/2014, p.

A9) afirma: “Mas vocês sabem como é...”. O fim do parágrafo também aparece como ponto mais forte das premissas apresentadas e, de certo modo, uma conclusão do que afirma anteriormente: “São as almas pias que tentam confundir. Entre outras delicadezas um liberal com um torturador” (AZEVEDO, 02/05/2014, p. A9). O problema da argumentação neste segundo parágrafo está no aceite das premissas apresentadas pelo auditório. Certamente as premissas apresentadas por Azevedo não são universais e, portanto, não são aceitas por todos os tipos de auditório. Neste sentido, a sua argumentação seria reduzida a uma parcela mais restrita do auditório universal, que pode ou não ser o auditório que o jornalista tem a intenção de atingir.

Observa-se também que, no momento em que descreve os fatos, Azevedo desqualifica a confissão de Malhães ao afirmar: “Pareceu-me, em determinados momentos, que ele lutava para manter ainda colada ao cérebro a consciência fugidia. Lá estava o olhar de um mitômano sem presente e sem futuro, só com um passado terrível, posto na ribalda” (AZEVEDO, 02/05/2014, p. A9). Com isso, Azevedo faz novamente uma crítica à imprensa, pois sugere que Malhães já não possuía capacidade lúcida de testemunhar nada do seu passado e, ainda assim, à sua confissão foi dado grande destaque.

Estruturalmente, é possível considerar o segundo parágrafo como demonstração, afinal dá início à argumentação pelo exemplo, contando a história do coronel Paulo Malhães. Mas também se observa nele características da narração, afinal descreve os acontecimentos referentes à morte de Malhães até o momento em que a coluna é publicada.

### Parágrafo 3:

A morte provocou certa histeria na imprensa, que decretou “queima de arquivo”. Nessa hipótese, ter-se-ia formado, creio, um bando de velhinhos torturadores – o facínora júnior teria uns 70 e poucos; o sênior, mais de 90 – para exterminar “traidores” da causa, ainda que tal designação não coubesse ao coronel. Afinal, ele afirmou ter praticado, sim, coisas horríveis, mas pôs tudo na conta do dever cumprido. Também não citou nomes (AZEVEDO, 02/05/2014, p. A9).

No terceiro parágrafo, Azevedo continua utilizando o exemplo de Malhães para argumentar. Já tendo explicitado os fatos que considera necessário, a estrutura tem menos características de narração e está mais voltada à demonstração em si. Inicialmente, Azevedo utiliza tanto da ligação de sucessão, quanto da de coexistência, quando afirma que “a morte provocou certa histeria na imprensa, que decretou ‘queima de arquivo’” (AZEVEDO, 02/05/2014, p. A9). A ligação de sucessão se verifica pela relação da morte (causa) com a

histeria de imprensa, afirmando que teria sido “queima de arquivo” (efeito). Já a ligação de coexistência se dá por meio da relação entre a imprensa e suas ações, com a intenção de desqualificar a moral da imprensa, ela aparece quando Azevedo a caracteriza como histérica devido a ação de decretar a morte como “queima de arquivo”. A desqualificação dos jornalistas é também visível na sequência, quando Azevedo utiliza fortemente da ironia, ao afirmar que, se, de fato a morte fosse “queima de arquivo”, os assassinos seriam velhinhos torturadores. Assim, Azevedo enfraquece não só a moral da imprensa, como também a tese da “queima de arquivo” apresentada por esta.

#### Parágrafo 4:

Por que “os porões reagiriam”? Ainda que os vovozinhos da tortura não executassem pessoalmente a tarefa, teriam de estar notavelmente organizados para, com um braço ágil e operativo, partir para a ação direta. Ora, se estão estruturados o bastante para matar um dos seus, por que não, então, para eliminar alguns dos inimigos de antes? A hipótese era ridícula de saída. E ousei escrever isso desde o primeiro dia, o que me rendeu as simpatias costumeiras dos pistoleiros das palavras (AZEVEDO, 02/05/2014, p. A9).

A demonstração e a argumentação pelo exemplo presentes, especialmente, no parágrafo anterior, seguem neste. Assim como a desqualificação da tese da “queima de arquivo” que, segundo Azevedo, foi levantada pela imprensa. O argumento utilizado no quarto parágrafo é bastante interessante. Azevedo faz uso de uma espécie de argumento de sucessão ao contrário. Ele apresenta as causas e efeitos e mostra as incompatibilidades entre si, sugerindo que a tese da “queima de arquivo” é infundada. Esse argumento se mostra especialmente presente quando Azevedo (02/05/2014, p. A9) afirma: “Ora, se estão estruturados o bastante para matar um dos seus, por que não, então, para eliminar alguns dos inimigos de antes? A hipótese era ridícula de saída”. Verifica-se ainda a utilização de um argumento complementar, mais com função elocutória do que argumentativa neste caso, quando Azevedo chama os seus críticos de pistoleiros das palavras. É a analogia. Junto a esta analogia está presente também um reforço ao *ethos* de Azevedo, quando afirma que desde o início afirmou que a hipótese da “queima de arquivo” era falha.

#### Parágrafo 5:

O exame do corpo constatou que Malhães não morreu sufocado, mas de ataque cardíaco. O caseiro da chácara confessou que organizou o assalto em companhia

dos irmãos. Queriam as armas que o coronel colecionava. Os que viram no caso mais uma evidência de que a direita pré-Jango (Deus do Céu!) estava se reorganizando não se deram por vencidos. Como é que os fatos ousam desafiar a interpretação conveniente, aquela que põe no seu devido lugar moral os atores de... 1964? (AZEVEDO, 02/05/2014, p. A9).

O quinto parágrafo se mostra como extensão dos anteriores. Mais uma vez a argumentação de ligação de sucessão se faz presente. Ela está logo no início do parágrafo, quando Azevedo utiliza o exame do corpo como prova de que não houve sufocamento, mas ataque cardíaco. Deste modo, a tese de que Malhães fora assassinado é infundada. Utiliza a confissão do caseiro da chácara para complementar a prova do exame. Na sequência utiliza novamente a ironia para desmoralizar aqueles que viram na morte de Malhães uma “queima de arquivo” e a volta da direita pré-Jango.

#### Parágrafo 6:

A regina-casezação da morte do bailarino Douglas Rafael, num contexto que se mostra cada dia mais complexo, para dizer pouco, serviu de esquentada para a satanização da polícia, não dos maus policiais. Tenho, sim, críticas severas à política de Segurança Pública de José Mariano Beltrame, mas elas nada têm a ver com a presença das PMs nas favelas. Ignorar, ou deixar de noticiá-las com clareza, que o narcotráfico transformou o rapaz num totem e que sua morte está servindo de instrumento de luta política do crime organizado corresponde a fazer assessoria de imprensa para a bandidagem. E com direito a muitas lágrimas das celebridades globais, que, como lembrou Ruy Castro nesta Folha, não comparecem ao enterro de policiais assassinados. Ora, ninguém dá bola para pobres reacionários de farda. Eles desafiam a fantasia daquela suposta integração da Cidade Maravilhosa, sem pecado e sem perdão. A proximidade entre asfalto e morro no Rio resulta, às vezes, num cruzamento malsucedido. Cada um transmite ao outro o que tem de pior (AZEVEDO, 02/05/2014, p. A9).

O segundo exemplo utilizado por Azevedo em sua coluna aparece no sexto parágrafo. Na narração dos elementos referentes à morte de Douglas Rafael, Azevedo utiliza a metáfora regina-casezação, em referência à apresentadora de TV Regina Casé. Em seguida, utiliza o termo esquentada, em referência ao programa de Casé, onde Douglas Rafael era bailarino. Na sequência, há o argumento da inclusão revestido por uma crítica às interpretações relacionadas à polícia. Quando Azevedo (02/05/2014, p. A9) afirma que a morte de Douglas Rafael serviu para a “para a satanização da polícia, não dos maus policiais”, faz a crítica justamente à colocação do todo pela parte.

O principal argumento deste parágrafo, porém, está presente quando Azevedo (02/05/2014, p. A9) afirma: “Ignorar, ou deixar de noticiá-las com clareza, que o narcotráfico transformou o rapaz num totem e que sua morte está servindo de instrumento

de luta política do crime organizado corresponde a fazer assessoria de imprensa para a bandidagem”. Aqui há mais uma vez a presença de ligações de sucessão e coexistência. A de sucessão está na relação entre a morte de Douglas Rafael e a utilização dela a favor do crime organizado, servindo-se de notícias contrárias à polícia, para criticar a ação destes. A de coexistência se apresenta na culpa dos jornalistas por uma publicidade negativa atribuída à polícia e, neste caso, atuar como assessoria do crime organizado. Nesta parte se verifica a estrutura de demonstração.

Existem ainda mais um argumento de ligação de coexistência e um de sucessão. O primeiro surge quando Azevedo critica a postura de atores globais que choram no enterro de Douglas Rafael, mas que jamais foram a enterros de policiais. Neste sentido, há a desmoralização dos atores em função de suas ações. O segundo se verifica quando Azevedo afirma que às vezes a proximidade entre asfalto e morro (causa) faz com que cada um passe ao outro o que tem de pior (efeito).

#### Parágrafo 7:

Os que querem “lutar por um mundo melhor” e têm pretensões de reformar a humanidade deveriam abandonar o jornalismo. Fundem ONGs ou partidos à mancha! Deixem a profissão para os que gostam dos fatos (AZEVEDO, 02/05/2014, p. A9).

No sétimo e último parágrafo está o epílogo da coluna. Nele, Azevedo retoma a tese apresentada no primeiro parágrafo e conclui suas ideias. Mais uma vez, reafirma a tese por meio da ligação de coexistência entre os jornalistas que atuam segundo suas ideologias e não a partir dos fatos, sugerindo que estes não devem seguir no jornalismo, deixando a atividade apenas para aqueles que, de fato, se interessam pelos fatos.

#### Coluna 2

Título: Fabiane e a maçã envenenada

Data: 9 de maio de 2014

Temas abordados: Polícia; Política

Tese: As falhas de governo são a causa da morte de Fabiane

Ainda no título da coluna, Azevedo apresenta o primeiro argumento de ligação: a analogia. Quando fala sobre a maçã envenenada não se refere à realidade, mas lembra a história infantil em que a vítima é abordada por uma bruxa que oferece uma maçã envenenada. Esta analogia não é propriamente um argumento relevante para o texto, estando mais voltada para a elocução do que à argumentação. Ainda assim, tem como função sugerir ao leitor o tema a ser exposto na coluna.

#### Parágrafo 1:

Fabiane Maria de Jesus, a mulher que foi espancada até a morte no bairro de Morrinhos, no Guarujá, começou a ser agredida porque, ao oferecer uma banana a uma criança, foi confundida com um fantasma criado pela irresponsabilidade de uma página na internet. Tomaram-na por uma sequestradora de crianças, que usaria os infantes em rituais de magia negra (AZEVEDO, 09/05/2014, p. A11).

O parágrafo inicial da coluna não tem como função argumentar ou persuadir o leitor, mas inserir o assunto a ser tratado. Portanto, é, ao mesmo tempo, proêmio e narração. Proêmio porque dá uma abordagem inicial sobre o assunto ao leitor e narração porque já apresenta fatos sobre o tema tratado na coluna. Este é o espancamento de Fabiane Maria de Jesus, confundida com uma sequestradora de crianças.

#### Parágrafo 2:

Trata-se de uma história infantil de desfecho trágico. Lá estava a bruxa da hora oferecendo uma maçã envenenada – no caso, a banana – a um inocente. O mal se apresenta nas vestes do bem, a fazer uma doação para conspurcar a pureza. À diferença da narrativa original, esta não teve um desfecho feliz. A bruxa era só uma dona de casa que tinha ido buscar a Bíblia, que esquecera na igreja. A fruta que ela oferecia era mesmo uma doação. Dava pão a quem tinha fome, a primeira virtude. Seus algozes mancharam as mãos de sangue e, no entanto, até onde se sabe não tinham um histórico de crimes (AZEVEDO, 09/05/2014, p. A11).

A narração continua no segundo parágrafo. Porém, nele Azevedo retoma a analogia apresentada no título. O caráter elocutivo ainda é forte, mas ela é também dotada de elementos argumentativos, afinal Azevedo a utiliza para facilitar a compreensão do leitor sobre o caso e, ao mesmo tempo, apresenta elementos importantes para a argumentação. Isto se verifica quando descreve Fabiane como uma pessoa boa e isenta do crime que fora acusada: “À diferença da narrativa original, esta não teve um desfecho feliz. A bruxa era só uma dona de casa que tinha ido buscar a Bíblia, que esquecera na igreja. A fruta que ela

oferecia era mesmo uma doação. Dava pão a quem tinha fome, a primeira virtude” (AZEVEDO, 09/05/2014, p. A11). Azevedo ainda apresenta outro elemento importante para a construção argumentativa no fim do segundo parágrafo ao destacar que parece que nenhum dos envolvidos no espancamento tinha histórico criminal. A característica da narração é especialmente visível neste parágrafo. Isto porque Azevedo não apenas apresenta os fatos, mas dá maior destaque ao que é importante para a argumentação que desenvolve.

#### Parágrafo 3:

Li muito a respeito. Há tentações para todos os gostos. Como é que gente trabalhadora, que luta para ganhar a vida, pratica esses desatinos? “Sou homem, e nada do que é humano é estranho a mim”, escreveu Terêncio. Ainda que a frase possa servir à especulação teórica e que carreguemos em nós todo horror e toda maravilha, não creio que se possa avançar muito por aí. A questão é outra: quem vai combater a besta? Pensadores os mais diversos deram a sua resposta ao longo da história. Houve quem recomendasse um Estado tirano como o único capaz de disciplinar os apetites humanos. Não me parece um bom caminho. Só açula a... besta! (AZEVEDO, 09/05/2014, p. A11).

Estruturalmente, o terceiro parágrafo ainda faz parte da narração. Azevedo parte do fato para buscar explicações cabíveis. Deste modo, ainda não se foca na argumentação em si, mas nos elementos importantes para as conclusões que pretende gerar a partir dela. Utiliza um exemplo, em forma de ligação de sucessão, que será útil para o parágrafo seguinte. Ele coloca que uma das sugestões para controlar as barbáries humanas seria um Estado tirano e argumenta, ainda que sem apresentar provas ou fatos, que este seria capaz apenas de aumentar esse tipo de ação. Neste sentido, Azevedo utiliza um exemplo baseado em premissas não completamente universais, ainda que muito provavelmente aceitas por uma grande maioria.

#### Parágrafo 4:

Percebo, de um lado, a tentativa de buscar na nossa formação algo que explique a tragédia; no outro extremo, procuram-se eventos recentes que teriam gerado algum desequilíbrio, de sorte que aquele povo pacífico, mas potencialmente violento, teria voltado à sua natureza. Acho tudo exagerado e despropositado. Não há nenhuma ocorrência que explique a barbárie. Número a número o Brasil melhora sempre um pouco, em vez de piorar. Também não se trata de uma índole. Não temos de temer a nossa natureza, só as nossas escolhas (AZEVEDO, 09/05/2014, p. A11).

Azevedo continua a debater sobre as possíveis causas do incidente no quarto parágrafo, seguindo, assim, a lógica do parágrafo anterior. Deste modo, o quarto parágrafo ainda é parte da narração. Inicialmente, Azevedo apresenta teses defendidas por pessoas sobre a razão pela qual o espancamento ocorreu. Em seguida, argumenta que as razões apresentadas são infundadas, afirmando: “Acho tudo exagerado e despropositado” (AZEVEDO, 09/05/2014, p. A11). Azevedo apresenta os argumentos para justificar esta afirmação em seguida, utilizando uma espécie de sucessão invertida. Ao afirmar que não existem ocorrências que expliquem o acontecido, assim como os números no Brasil sempre melhora e, por fim, afirmar que não se trata de uma índole, Azevedo sugere que o efeito (espancamento de Fabiane) não surgiu a partir das causas apresentadas por outras pessoas (um problema na formação ou eventos recentes). Por fim, encerra com outra ligação de sucessão, ainda que aparentemente incompleta. Ao afirmar que o problema não está na natureza humana, mas nas escolhas, Azevedo coloca que estas são a causa para problemas como o espancamento.

#### Parágrafo 5:

Entrem na internet. Há linchamentos diários de norte a sul do país. Não são uma novidade. Nova é apenas a tecnologia que permite que fiquemos sabendo desses atos criminosos. É bem possível que, no mais das vezes, as vítimas não sejam inocentes, como era Fabiane. E daí? O assassino mais facinoroso tem, e deve ter, o direito a um julgamento justo. Se essa noção não está interiorizada e não se transforma num dado de civilização, então se caminha para o pior dos mundos. Mas esperem um pouco! (AZEVEDO, 09/05/2014, p. A11).

No quinto parágrafo, Azevedo retoma a reflexão dos dois parágrafos anteriores. Isso acontece quando inicia utilizando o exemplo de que os linchamentos acontecem diariamente em todo o país. Em seguida, quando afirma que todo criminoso deve ter direito a um julgamento justo, Azevedo coloca uma premissa para a argumentação que apresenta na sequência. A premissa, ainda que provavelmente aceita por uma maioria da população, não pode ser considerada universal. O argumento presente neste parágrafo surge quando Azevedo (09/05/2014, p. A11) afirma: “Se essa noção não está interiorizada e não se transforma num dado de civilização, então se caminha para o pior dos mundos”. Ele pode ser visto de duas formas: como ligação de coexistência e de sucessão. A ligação de coexistência se apresenta na relação daqueles que não consideram que todo criminosos merece um julgamento justo e seus atos, que seriam, sugere Azevedo, responsável por gerar

o pior dos mundos, desmoralizando, deste modo, pessoas com esse pensamento. A ligação de sucessão está muito próxima da anterior e se mostra porque a presença de pessoas que não concordam com essa noção pode gerar o pior dos mundos. É também no quinto parágrafo que Azevedo conclui a narração de sua coluna, isso acontece com a quebra utilizada no final do parágrafo: “Mas esperem um pouco!” (AZEVEDO, 09/05/2014, p. A11).

#### Parágrafo 6:

Que país o nosso, não é!? Notaram como temos Estado demais em petróleo e de menos em segurança pública? Notaram como temos Estado demais em energia elétrica e de menos em educação? Notaram como temos Estado demais no setor bancário e de menos em saneamento e urbanismo? Esse Estado é gigantesco e tentacular, mas está onde não deve e não está, não de modo eficiente ao menos, onde deve. Para os que lincharam Fabiane, ela era uma criminosa, e se cultivava a certeza por lá e em toda parte de que os criminosos, neste país (como diria aquele), permanecem impunes – o que é verdade com uma frequência assombrosa. Há mais de 50 mil homicídios por ano no Brasil (AZEVEDO, 09/05/2014, p. A11).

No sexto parágrafo, Azevedo começa a demonstração de sua coluna e já apresenta sua tese, ainda que não a coloque explicitada em uma frase. Ela se apresenta junto com dois argumentos centrais para a sua defesa. O primeiro é a ligação de coexistência do governo com seus atos, isso aparece quando Azevedo coloca que o Estado está mais preocupado com petróleo do que em segurança pública e assim sucessivamente, chegando a sua conclusão quando afirma: “Esse Estado é gigantesco e tentacular, mas está onde não deve e não está, não de modo eficiente ao menos, onde deve” (AZEVEDO, 09/05/2014, p. A11). Deste modo, Azevedo culpa o governo de estar agindo de maneira inadequada. O problema, porém, é que Azevedo apenas apresenta constatações, mas não apresenta provas para elas. Assim sendo, a ligação de coexistência pode se tornar infundada para aqueles que não concordam com as afirmações do colunista. Após, ele segue com o segundo argumento principal para a defesa de sua tese: uma ligação de sucessão entre os atos do governo e os efeitos sociais que eles geram. Isso se verifica na seguinte afirmação: “Para os que lincharam Fabiane, ela era uma criminosa, e se cultivava a certeza por lá e em toda parte de que os criminosos, neste país (como diria aquele), permanecem impunes – o que é verdade com uma frequência assombrosa” (AZEVEDO, 09/05/2014, p. A11). Azevedo utiliza, agora, um dado concreto como exemplo para a ligação de sucessão apresentada quando afirma que há mais de 50 mil homicídios por ano no Brasil. Ainda assim, se a ligação de

coexistência for considerada infundada pelo leitor, a ligação de sucessão também o será, afinal, ela só se apresenta em função dos atos do governo. De modo geral, no sexto parágrafo, primeiro Azevedo desmoraliza o governo, afirmando que este age de maneira inadequada e, em seguida, sugere que esta é a causa para acontecimentos como o espancamento de Fabiane. Este parágrafo é, portanto, o centro argumentativo da coluna.

#### Parágrafo 7:

Os assassinos improvisados de Fabiane carregam nas costas um Estado que não conhecem e conhecem um Estado que não existe para eles. Organizam, então, tribunais populares, nos quais, como prova a história, a inocência é sempre a primeira vítima. Têm, sim, de pagar caro por seu ato bárbaro. Mas também vão expiar a culpa de um modelo de que são vítimas (AZEVEDO, 09/05/2014, p. A11).

O exemplo é o argumento utilizado por Azevedo no sétimo parágrafo como complemento aos argumentos utilizados no parágrafo anterior. A demonstração continua quando Azevedo argumenta por meio desse exemplo que a culpa pelo espancamento é, em especial, do governo e que aqueles que espancaram Fabiane, ainda que culpados pelos seus atos, são vítimas deste modelo. A função principal deste parágrafo é reforçar a tese apresentada no sexto parágrafo com um exemplo (já usado no decorrer da coluna) que a justifique.

#### Parágrafo 8:

E arremato observando que, nos últimos tempos, há um indiscreto incentivo no país ao “faça você mesmo a sua justiça social”, sem dar bola para as leis. Não se iludam: quem flerta com depredadores do bem público, com invasores da propriedade alheia e com incendiários da ordem democrática – leu bem, presidente Dilma? – está dando uma piscadela a linchadores. É a maçã envenenada da desordem (AZEVEDO, 09/05/2014, p. A11).

No parágrafo final da coluna, Azevedo constrói ainda uma estrutura de demonstração, mas com elementos também do epílogo. Ao passo que ainda apresenta argumentos, também leva a uma conclusão geral sobre o que afirmou anteriormente. A demonstração se baseia mais uma vez em dois argumentos: a ligação de coexistência e de sucessão. A coexistência está presente na relação entre o governo e seus atos, como flertar “com depredadores do bem público, com invasores da propriedade alheia e com incendiários da ordem democrática” (AZEVEDO, 09/05/2014, p. A11). A crítica ao

governo fica especialmente clara quando Azevedo cita a presidente Dilma. Azevedo sugere que o governo falha ao apoiar movimentos como, por exemplo, o MST, que segundo ele são invasores de propriedade alheia e praticam atos que vão contra a lei. Já a ligação de sucessão surge na relação entre estes atos do governo e as consequências práticas, como o caso de Fabiane. Segundo Azevedo, já que o governo apoia quem depreda o bem público, invade propriedades alheias e incendia a ordem democrática, está “dando uma piscadela a linchadores” (AZEVEDO, 09/05/2014, p. A11).

São as ligações de coexistência e de sucessão que levam à parte em que melhor se percebe o epílogo da coluna em seu último parágrafo. A conclusão está especialmente presente na frase final do parágrafo e da coluna: “É a maçã envenenada da desordem” (AZEVEDO, 09/05/2014, p. A11). Frase esta que retoma a analogia da maçã envenenada e junto com os dois argumentos utilizados anteriormente no parágrafo, sugere mais uma vez que o culpado pela desordem é o governo.

### **Considerações finais**

Algumas regularidades podem ser percebidas no comparativo entre as análises das duas colunas, e são justamente estes elementos que mais interessam para este estudo. Como o que interessa nesta análise são os argumentos, são eles os objetos das regularidades observadas. Ainda assim, antes de entrar no âmbito argumentativo, percebe-se que os temas das duas colunas estão muito próximos. Ambas tratam de política e tópicos de polícia. A primeira ainda traz elementos referentes ao jornalismo. Mas, além destes temas colocados mais claramente, nas duas colunas se percebe um posicionamento crítico à ideologia de esquerda, criticando os jornalistas (no caso da primeira coluna) e o governo (na segunda). Estas colocações não são grandes descobertas, afinal Azevedo deixa claro seu posicionamento político liberal e conservador e crítico aos partidos tradicionalmente de esquerda, em especial o PT. Já no que se refere aos temas semelhantes, é natural que colunistas abordem temas próximos, até porque devem falar sobre aquilo que dominam.

No que se refere aos argumentos utilizados, é possível destacar dois pontos: a utilização constante de argumentos fundados sobre a estrutura do real apoiados, em vários casos, por exemplos; e o direcionamento dos argumentos presentes nas colunas. O primeiro ponto é facilmente perceptível quando se soma a quantidade de vezes que Azevedo utiliza cada argumento. As ligações de sucessão foram utilizadas 11 vezes, as ligações de

coexistência foram utilizadas 8 vezes e, por fim, os exemplos foram utilizados 6 vezes, sendo que na primeira coluna os dois exemplos presentes são utilizados por quase toda a argumentação. Mais importante do que isso é observar o quanto estes tipos de argumentos estão ligados à tese: no caso da primeira coluna, os dois principais argumentos são a ligação de coexistência e o exemplo, já na segunda coluna, são a ligação de coexistência e a ligação de sucessão. A preferência por estes argumentos provavelmente é devido aos temas abordados (referentes a questões sociais) e ao local onde são abordados (coluna de opinião). Como Azevedo trata de elementos sociais e que pressupõem relacionamentos, seja do indivíduo com seus atos ou de causa-efeito, são as ligações de coexistência e sucessão as mais adequadas para a argumentação. O exemplo serve para complementar estes elementos e dar embasamento para o que Azevedo argumenta. O segundo ponto, que diz respeito ao direcionamento das colunas, percebe-se que Azevedo tende a utilizar em algumas situações premissas não universais e, deste modo, acaba por restringir a sua argumentação. Como os posicionamentos políticos de Azevedo são claros (liberal, conservador e anti-PT) e ele os utiliza em suas colunas, a tendência que é seu poder de persuasão seja imensamente maior em auditórios que tendem a concordar com ele, afinal, em diversos momentos, parte de premissas relacionadas ao seu posicionamento.

## Referências

- AZEVEDO, Reinaldo. Os vivos e os mortos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 mai. 2014. Primeiro Caderno, p. A9
- AZEVEDO, Reinaldo. Fabiane e a maçã envenenada. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 mai. 2014. Primeiro Caderno, p. A11
- PERELMAN, Chaïm. **O Império Retórico: Retórica e Argumentação**. Trad. Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Porto: Asa, 1993
- SOARES, Felipe Bonow. “Viva a guerra!”: análise argumentativa de um texto de Reinaldo Azevedo. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 15., 2014, Palhoça. **Anais eletrônicos...** Palhoça: Intercom, 2014. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-0851-1.pdf> Acesso em 22/05/2014
- SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. 2ª ed. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006